

## A CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS ATÓPICOS: LOLA BENVENUTTI

Gleice Antonia Moraes de Alcântara(UFSCar/CAPES)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O ápice da indústria pornográfica emerge em distintas práticas e materialidades discursivas e ao longo da história a circulação de discursos sobre a sexualidade<sup>2</sup>, não se deu a ver como um longo rio tranquilo, muito pelo contrário, as formas de interdição desses discursos- atópicos- estão acompanhadas de regimes de verdades e saberes que são e estão a serviço de uma sociedade que controla o que pode e deve ser dito, instaurando-se assim uma polícia dos enunciados (Foucault,1998, apud. Souza, p. 198). Posto isso, este texto tem por objetivo tecer sucintas considerações sobre os discursos legitimados a circular e aqueles que são dados como práticas de leituras silenciadas e/ou proibidas. Para tal empreendimento analisaremos especificamente como se constituiu uma história do discurso da sexualidade, explorando as transformações nas formas materiais de circulação desses discursos. Tomamos como referencial teórico-analítico os postulados da Análise de Discurso de orientação francesa e como objeto de análise blogs em que Lola Benvenuti através de narrativas se inscreve discursivamente.

Palavras-chave: Sexualidade. Pornografia. Atopia. Circulação. Lola Benvenuti

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTORICIDADE DA SEXUALIDADE E POR SUA VEZ DA PORNOGRAFIA

Há pouco eu evocava um estudo possível: o das interdições que atingem o discurso da sexualidade. Seria difícil e abstrato, em todo caso, empreender esse estudo sem analisar ao mesmo tempo os conjuntos dos discursos, literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente, nos quais se trata a sexualidade, nos quais se acha nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada. Estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso e, quem sabe não estejamos indo nessa direção. Pouco importa. As interdições não tem a mesma forma e não interferem do mesmo modo no discurso literário e no da medicina, no da psiquiatria e no direção de consciência. E, inversamente, essas diferentes regularidades não reforçam, não contornam ou não deslocam os interditos da mesma maneira.” (FOUCAULT, 2002. P. 67)

Os dizeres de Foucault antecipavam seus interesses futuros, a saber, uma espécie de história da sexualidade, e mais, chamava a atenção para a não possibilidade de unicidade do discurso da sexualidade, que há séculos está cercado de regimes de interdição. Interdição essa que não é operada de maneira homogênea para todos os discursos que circulam nas práticas sociais. Em face disso, Maingueneau (2010) assevera que a inserção no espaço social do discurso pornográfico é radicalmente problemática, pois o julgamento “pornografia” supõe a fronteira que separa práticas

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos- UFSCar, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas. gmoraesalcantara@gmail.com

<sup>2</sup> Sexualidade e Pornografia tomados aqui como correlatos.

dignas de civilização de pleno direito, e práticas que se colocam aquém disso. Devido a esse caráter de legitimidade e não legitimidade torna-se complexo como bem destacou Foucault dar a ver uma unicidade a esse discurso. Maingueneau afirma ainda que diferente de outros tipos de textos, no que concerne a pornografia, a censura é universalmente radical, pois todos os tipos de regimes políticos traçam uma linha que separa o aceitável e o inaceitável em matéria de representação da sexualidade. Exemplifica a questão: difícil imaginar que, no ensino médio sejam trabalhados textos pornográficos, caso isso viesse a acontecer seria uma prova que a sociedade teria mudado profundamente. Neste aspecto, no caso da Literatura Brasileira muitas obras que abordam a temática da sexualidade recebem uma atenção maior por parte dos órgãos públicos quanto estas são direcionadas ao espaço escolar, o que pode ser observado em relação às obras de Jorge Amado, pois segundo o professor Vieira a crítica não entendeu a abordagem sexual do literato.

Sobre esse aspecto, o que é aceitável e o que não é aceitável, o que pode e o que não pode circular, Maingueneau diz “não podemos nos contentar em opor, como se fossem dois blocos compactos, os discursos que pertenceriam plenamente à sociedade e os discursos que seriam proibidos, ou tolerados, desde que permanecessem na sombra.” (2010. p. 23). A respeito desses discursos que são “aceitos” ou “reconhecidos” pela sociedade estão os discursos tópicos e os discursos paratópicos. Os paratópicos - religioso, científico, filosófico, literário - garantem os outros, a saber, tópicos, visto que aqueles devem se localizar simultaneamente, na e fora da sociedade, ou seja, eles participam da sociedade, fazem fronteira com o indizível e o Absoluto, seus falantes mais notáveis são impulsionados por uma força transcendente, são autorizados à existência. Por sua vez, a literatura pornográfica, atua na fronteira da sociedade, mas não se trata da mesma fronteira, haja vista que os discursos paratópicos têm direito de existência, direito de cidadania. Na outra via a pornografia não é aceita pela cidade. O pornográfico não tem lugar para existir, tal como outras práticas atestadas (missas negras, candomblé, palavrões...) que se esgueiram pelas gretas do espaço social, sendo classificados como discursos atópicos, práticas linguagens atestadas, no entanto, silenciadas, reservadas a espaços muito restritos ou extremamente particulares. Assim, o discurso pornográfico convive com uma dualidade que lhe é constitutivo: é impossível ele existir (clandestina, parasita, nômade, ocultada/ ordem na norma); e impossível ele não existir (massivamente atestada pela proliferação de enunciados que circulam/ ordem do fato).

Dado esse caráter dúbio da existência da pornografia, a proliferação e circulação é inegável, mas é importante destacar que o discurso pornográfico atende a regimes políticos que traçam uma linha de separação entre o aceitável e o inaceitável em matéria de representação da sexualidade, operando-se assim um sistema de vigilância sobre práticas pornográficas. Vigilância essa de todas as ordens, algo que

pode se notar não só nas práticas verbais, mas também na parte organizacional/estrutural das cidades, como localização: de motéis, de sexshoppings, dos antigos bordéis, venda de livros com temáticas sexuais em espaços separados e escondidos do grande público... O olhar do Estado opera com um poder de coerção sobre a cidade ditando aquilo que nela pode e deve ser produzido e também circular, autorizando práticas discursivas que atendam aos seus princípios de verdade, operando-se aquilo que Foucault chama de “polícia dos enunciados/ controle das enunciações.

Foucault (1978) ao descrever o controle das discursividades da sexualidade, evidencia o papel do desempenhado pelo cristianismo, responsável por introduzir novos mecanismos de poder, novas técnicas para impor a moral, e a verdade. Entre esses mecanismos destaca o poder do pastorado<sup>3</sup>, que através de práticas específicas como a confissão permanente controlava os indivíduos, e por consequência produziam-se verdades sobre suas subjetividades, logo sobre o funcionamento do corpo e da sexualidade. Chama à atenção que é sobre esse aspecto, o mecanismo de controle e poder, sobre os discursos da sexualidade que o olhar deve se lançar quando se quer problematizar a influência do cristianismo, posto que a superprodução de saberes sobre a sexualidade não cessa de ser produzidos e colocados na ordem do dia dos debates.

### **UM OLHAR SOBRE CIRCULAÇÃO: da grafosfera à videosfera**

A produção incessante de discursos sobre a sexualidade e seu correlato, pornografia, não param de ser produzidos e colocados em circulação em diferentes materialidades. Com o advento da internet o “boom” pornográfico se democratizou, e seu vasto mercado passou por grandes transformações, de uma atividade a princípio artesanal, a uma verdadeira indústria do *big business*, conforme Maingueneau.

O regime de transição do artesanal para o industrial ocorre a partir da década de 1960, até então o que imperava era o mercado impresso (grafosfera). A hegemonia da grafosfera teve seu ápice entre o século XVI e início do século XX, claro que sempre acompanhados pelo “pente-fino” do Estado, na maioria das vezes as obras circulavam de maneira clandestina. Ressalta-se ainda que os gêneros que dominavam nas obras da época eram relatos, em forma de diálogos, diário íntimo, carta..., uma forma de expor as ideias sobre todos os tipos de assunto. Nesse período fortemente alimentado pela escrita, Maingueneau (2010) assevera que as obras pornográficas também contavam frequentemente com ilustrações, pois o mercado alimentou constantemente os amantes dos textos e os amantes das imagens:

---

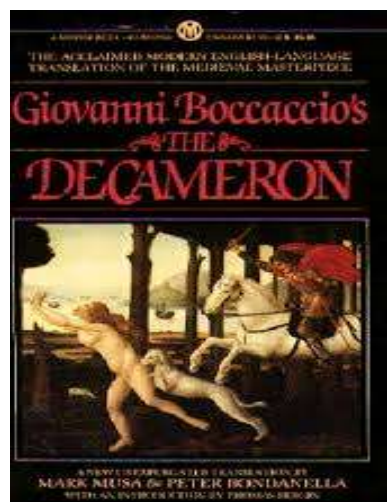
<sup>3</sup> “A existência dentro da sociedade de uma categoria de indivíduos totalmente específicos e singulares que não se definiam inteiramente por seu status, sua profissão, nem por sua qualificação individual, intelectual ou moral, mas indivíduos que desempenhavam, na sociedade cristã, o papel de condutores de pastores em relação aos outros indivíduos que são como ovelhas ou o seu rebanho. Creio que a introdução desse tipo de poder,[...] foi um fenômeno muito importante.” (FOUCAULT, 1978, p. 65)

Isso vai além da mera complementaridade: os “quadros” de atividades sexuais representados nas narrativas pornográficas estão calcados nos códigos de representação da imagem em um momento dado. Até muito recentemente, o texto era da ordem do fluxo, enquanto a imagem era estática; mas com o desenvolvimento do cinema, depois dos videocassetes e dos DVDs, por fim, da internet, a imagem tornou-se, por sua vez, fluxo narrativo, baralhando a hierarquia entre texto e imagem. Atualmente, na internet, os sites especializados mostram “iconotextos” que associam intimamente imagens, fixas ou animadas, e textos, escritos ou orais. (MAINGUENAU, 2010, p. 16).

As obras do Marquês de Sade, XVIII, e Boccaccio, XIV (Decameron), que para a época eram lidos como libertinos, devido às obras trazerem pontos tachados como pornográficos- obras atópicas, esboçam esse diálogo entre imagético e o escrito, algo que não se configura de uma época recente, e sim dessa característica que constitui o que é peculiar ao discurso pornográfico.



<https://www.google.com.br/search>  
em 13/07/2014)



<https://www.google.com.br/search?> acessado

Durante todo esse período em que o impresso, a indústria de livros, ocupou o cenário mercadológico, os aparelhos de controle do Estado fizeram-se presentes. Assistiu-se a uma verdadeira batalha entre o Estado e os que produzem a pornografia, o jogo de gato e rato, sobre a massa de discursos sobre a sexualidade renovavam-se e por que não afirmar renovam-se incessantemente. Os lugares em que esses discursos podem circular ainda hoje são demarcados, de um lado a proliferação e de outra a intreidação, regimes que se imbricam quando se trata desse universo discursivo atópico.

No percurso de como se operou a circulação do discurso pornográfico o livro ocupou lugar de prestígio durante séculos. Embora hoje ainda tenha uma circulação de obras literárias, não são mais elas que “dão o tom”, que ditam modelos, estereótipos de como se vestir, falar, comportar, ser... em uma sociedade, algo que ocorreria no domínio tradicional, impresso/grafosfera, afirma Maingueneau. No novo show business o dispositivo midiático, aqui especificamente a internet, assume esse lugar de elaborar o que é importante para uma sociedade, e por consequência quais são os ingredientes que devem agregar à produção e circulação do discurso pornográfico.

Um novo regime é assim instaurado nas décadas de 60 e 70, o da videosfera. Fenômeno que corresponde ao aparecimento das salas de cinemas (em que os filmes pornográficos passam a ser exibidos) e os sex-shop. Essa massa de produção pornográfica não é mais pensada, conforme Maingueneau apenas como agressão contra a ordem pública, e sim como um lugar de assunto privado, tolerado, desde que não perturbe a ordem pública. Acrescenta ainda que esse novo regime não funciona clandestinamente, mas em certa medida aberto a todos os olhares, algo como as casas de tolerância de antigamente, fisicamente visíveis, mas socialmente invisíveis, nunca interditas, no entanto relegadas a um universo ilegal.

O regime em que as práticas discursivas pornográficas circulam da década de 60 para cá marginaliza a escrita pornográfica via impresso, livro. Com o advento da internet isso se deu de maneira mais explosiva ainda. Com simples clique é possível acessar uma infinidade de sites, blogs, chats, filmes..., assistir, comprar, conversar, marcar encontros, com garantia do anonimato. Na tela do computador há um conjunto de links que possibilitam a visualização de outras páginas, uma lógica do texto escrito com o imagético. O sujeito se depara com um conjunto de práticas semióticas que permitem a movimentação da comunicação, algo diferente do regime do impresso.

Observemos como esse fenômeno acontece em um blog “Portal Lolla Benvenuti”. Ao buscar o endereço no goggle aparece a seguinte descrição: *uma garota simpática, bela e que adora sexo! Dona de uma personalidade autêntica*. Ao abrir a página, a imagem se sobrepõe ao verbal,

estamos assistindo a uma minimização, para dizer o mínimo, do texto tradicional. O texto verbal escrito não passa de um elemento periférico de um conjunto de práticas: ler uma história é uma delas, ao lado do videochat, da consulta a fotos ou de vídeos, da troca em um fórum, da busca de parceiros sexuais etc. (Maingueneau, 2010, p. 102)



[www.lolabenvenutioficial.com.br/](http://www.lolabenvenutioficial.com.br/) acessado em 10/07/2014

No blog é possível visualizar um conjunto de links que abrem outras páginas. Lola Benvenuti, garota de programa mantém o blog no qual conta sobre sua vida e narra o que faz com seus clientes. Na página inicial consta a seguinte postagem “Solidão, esse santo remédio”, de 06/06/2014.

Em uma outra página “Blog Spartanas”, Lola se descreve

Sou a Lola. Uma garota simpática, bela e que adora sexo! Intenso, forte, com desejo. É assim que tem que ser... Dona de uma personalidade autêntica, recém formada, falo Inglês e Espanhol fluentemente. Tenho 20 aninhos, seios bonitos, redondinhos e bumbum proporcional. Tudo na medida certa pro seu prazer. Pode conferir nas fotos 😊 Atendo homens, mulheres, casais e realizo todo o tipo de fantasias...o limite é o infinito rs. Atuo em Campinas, São Paulo e região. Me ligue para consultar os valores 😊 Acompanhem meu blog para ficar por dentro de meus relatos e promoções para clientes mais que especiais: <http://lolabenvenuti.blogspot.com.br/>



[spartanas.com.br/spartana/lola-benvenuti/](http://spartanas.com.br/spartana/lola-benvenuti/) acessado em 10/07/2014

Enquanto nos relatos impressos, os personagens eram os situados nas extremidades do corpo social: monges, aristocratas pervertidos aventureiros, prostitutas, hoje os personagens são frequentemente pessoas comuns flagradas em seu cotidiano, apresentando-se explicitamente e testemunhando suas experiências sexuais, como pode ser observado no caso de Lola Benvenuti. Há assim, uma evolução nos conteúdos pornográficos, a característica mais evidente dessa transformação é o aumento considerável da sexualidade explícita, a ordem do sexual pelo que se nota é o dar a ver das experiências sexuais. Através da comunicação universal assistimos hoje a uma superexposição do privado, “assistimos hoje a uma mutação do regime do olhar pela qual, cada vez mais, o indivíduo tende a se expor, a oferecer sua intimidade secreta ao olhar de todos.” (D. BAQUÉ, apud MAINGUENEAU 2010, P. 111).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT. M. **Sexualidade e poder**. In: Ética, Sexualidade, Política. Tradução de Eliza Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. RJ: Forense, Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. S.P: Edições Loyola, 2002

GUEDES. D. **Jorge Amado segundo a crítica literária**: depois de ser ignorado pelas academias, o escritor agora começa a ser avaliado com mais justiça. Jornal do Comércio. Disponível em <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2012/08/04/jorge-amado-segundo-a-critica-literaria-51532.php>

MAINGUENEAU, D. **O discurso pornográfico**; tradução Marcos Marcionilo. SP.:Parábola Editorial, 2010.

SOUZA. K. M. **A história da sexualidade e outras histórias do presente**. In: MARQUES, W., CONTI, M. E FERNANDES, C. (org. ) Michel Foucault e o Discurso: aportes teóricos e metodológicos. Uberlândia: EDUFU, 2013.

*Recebido em 18/09/2015. Aprovado em 21/12/2015.*